

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE DEZEMBRO DE 1912

N.º 334

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Nossa Senhora e o Menino Jesus

(Quadro de Murillo)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de dezembro de 1912

Foi bastante movimentada a quinzena que hontem findou. Não fallando d'esses cortejos de operarios, que pedindo pão ou trabalho atravessaram as mais concorridas ruas da cidade, cortejos reveladores de miseria e d'um grande mal-estar social, pondo tambem de parte a questão dos vendedores de peixe, resultante do estabelecimento do novo mercado em Santos, um outro facto devo frisar n'estas notas da quinzena, porque foi de todos o mais grave, aquelle que mais fundamente impressionou os que n'este paiz ainda conseguem analysar os acontecimentos com o criterio frio da razão e sem aquelle espirito de politica, tanto em voga nos tempos que vão correndo, e que é, em grande parte, a causa de todos os nossos males. Refiro-me, de certo os leitores já o advinharam, á representação que os agricultores e senhorios projectavam levar ao Congresso, contra o augmento de contribuições, e aos factos que se passaram no dia em que essa idéa devia ser levada a effeito.

N'um paiz como o nosso, onde a liberdade já florescia viçosa quando ainda a maior parte da Europa vivia opprimida sob o jugo ferreo do feudalismo, n'esta bella terra portugueza, onde já existiu a mais completa autonomia municipal e onde o povo fallava aos reis com uma altivez respeitosa, propria de homens que conhecendo os seus deveres não desconheciam tambem os seus direitos e demonstrativa d'uma educação civica que, pelo que se está vendo, é hoje um ideal difficil de attingir, n'este Portugal de gente valente e audaciosa e ao mesmo tempo boa, alegre e expansiva, não se comprehende que em pleno regimen que deveria ser de liberdade e egualdade se tolha, a quem quer que seja e a pretexto seja do que fôr, o direito de representar ao parlamento sobre assumpto que lhe interesse e com o fundamento que julgue de justiça, não se comprehende que portuguezes se levantem contra portuguezes para impedir o exercicio de regalias, para suffocar quem deseja mostrar a razão que lhe assiste, para calcar aos pés principios que de ha muito estão consignados nos codigos de todas as nações livres.

Queriam os socios da Associação de Agricultura e os da Associação dos Proprietarios levar ao Congresso uma representação, bem ou mal fundamentada, com ou sem razão, contra o aggravamento dos tributos. Era o uso d'um direito que em toda a parte costuma ser acatado, do exercicio do qual nenhum mal resultaria para a Republica e que só o governo, em circumstancias muito excepcionaes, poderia impedir.

Houve, porém, quem não pensasse assim. Houve quem se lembrasse de que a Associação de Agricultura já tinha sido *real*, insinuou-se que se tratava apenas d'uma manifestação monarchica para prejudicar a marcha do regimen, houve quem affirmasse que os proprietarios não eram sinceros, houve, enfim, quem pozesse em destaque a entidade *senhorio* em face da entidade *inquilino*, como um inimigo em frente d'outro inimigo, e de tudo isto resultou o que consta dos jornaes diarios, o que todos sabemos: — a Associação de Agricultura cercada, alguns proprietarios mais ou menos gravemente aggredidos, muitos outros perseguidos e apupados e a cidade assistindo a um espectáculo improprio do nosso tempo.

Ora a verdade é que todos estes argumentos nada valem, porque nada ha que valha contra o direito e este estava, evidentemente, do lado dos que projectavam a representação.

Que elles tivessem ou não razão, até que ponto a teriam, era assumpto que só ao governo e ao parlamento competia julgar, indeferindo a petição ou deferindo-a no todo ou em parte.

A accusação, porém, mais grave, aquella que certamente mais influiu nos acontecimentos, foi a de que se tratava d'uma manifestação monarchica. Santo Deus! Tanto monarchico n'um paiz onde constantemente se afirma que os não ha!

Uma manifestação monarchica! Era preciso que os lavradores e proprietarios tivessem perdido de todo o juizo! Mas porque havia de ser uma manifestação monarchica? Porque uns e outros são ricos, teem que perder? Porque se trata d'uma classe que eu julgo incapaz de sahir d'aquella ordem que o governo tem o direito de exigir e o dever de manter?

Não se comprehende, francamente, por mais que se pense no caso.

Imaginemos, porém, que sim, que effectivamente a maioria dos proprietarios e dos agricultores são monarchicos. Em primeiro lugar não era isso o sufficiente para que a manifestação fosse monarchica e em segundo, se o são, estão muito no seu direito, sem que por tal facto o governo e o parlamento possam isentar-se do dever de os ouvir e de os attender, tanto quanto possivel, em tudo quanto seja de justiça. Ricos ou pobres, monarchicos ou republicanos, todos são portuguezes, todos contribuem para o Estado e para todos a Constituição estabelece identicos direitos, impondo os mesmos deveres.

Ora para que o governo possa ouvir as reclamações de qualquer classe, é preciso que essa classe possa ir até junto dos altos poderes do Estado. Tolher esta regalia é, portanto, fazer uma affronta á liberdade.

Não vale, porém, a pena discutir mais o caso. O que sobre elle havia a dizer, já o disse no parlamento o sr. dr. Jacintho Nunes, que, sempre coherente com os seus principios, não quiz deixar de lavar o seu protesto contra o que succedeu. Sobre o assumpto fallou tambem o sr. Brito Camacho e das suas palavras se conclue que a Associação de Agricultura tem collocado, durante a vigencia do regimen republicano, acima dos seus sentimentos monarchicos (?), os seus deveres patrioticos.

Eu sou dos que lamentam, como toda a gente que paga renda de casa, a cifra elevadissima que tem attingido o aluguer de qualquer habitação, por pequena e anti-hygienica que seja. Isto, porém, não é um motivo para que nos acostumemos a odiar os senhorios nem a considera-los como inimigos, a quem se deve caçar como se caçam feras, quando é certo que muitos outros, e talvez peores inimigos, nos estão diariamente envenenando a existencia, fornecendo-nos generos caros, de má qualidade e mal pesados.

O problema social é muito complexo, e não é o povo nas praças publicas, gritando e barafustando, que o pode resolver. Essa missão incumbe aos governos e aos parlamentos.

Quanto aos senhorios, penso que elles, reclamando contra o augmento das contribuições, defendem até certo ponto os interesses dos inquilinos, porque são estes, sem duvida, quem tudo vem a pagar. Não será justo, mas a pratica demonstra que é assim mesmo.

Por todos estes motivos, enfim, eu entendo que a manifestação projectada pelas duas associações a que me tenho referido, nunca deveria ter sido impedida.

Os inquilinos projectavam tambem para o mesmo dia a sua representação? Pois realisavam-se ambas. Reuniam-se os dois *partidos contrarios* em pontos diferentes e, por caminhos tambem diversos, assegurando o governo a manutenção da ordem publica, lá iriam todos ao parlamento. A Republica faria assim uma affirmação pratica dos seus principios liberaes e o governo, attendendo uns e outros, talvez conseguisse reconciliar os dois *inimigos*, que afinal são ambos filhos de Deus!

Approxima-se o Natal, a festa da familia, como lhe chamou o novo regimen, e se até lá não se produzir qualquer acontecimento que reconcilie a familia portugueza, bem doloroso é dize-lo, mas ha muitos annos que não ha no nosso paiz um Natal tão triste como o que vae passar-se.

Festa da familia! Mas como poderá ella celebrar-se se tantas familias estão incompletas, não porque os seus membros andem dispersos pelo mundo, na lucta pela vida, mas porque, muito ao contrario, a adversidade os lançou nas penitenciarías e nas cadeias de todo o paiz, onde lentamente vão morrendo?

Natal sim, em Portugal e em todo o mundo christão elle será commemorado com todo o sentimento religioso que nenhum decreto dos governos será capaz de arrancar do coração das multidões. Festa da familia, essa é que em toda a parte poderá realizar-se menos aqui, n'esta terra onde ha lagrimas que não permitem sorrisos, dôres que não teem lenitivo, desesperos que não se acalmam emquanto não cessar a causa que os produziu.

J. NUNES DE FREITAS.

Quem deixa de ganhar começa a perdêr. O importante não é andar depressa, mas andar sempre.

PLUTARCO.

Em frente da Associação de Agricultura

A manifestação contra os agricultores e proprietários

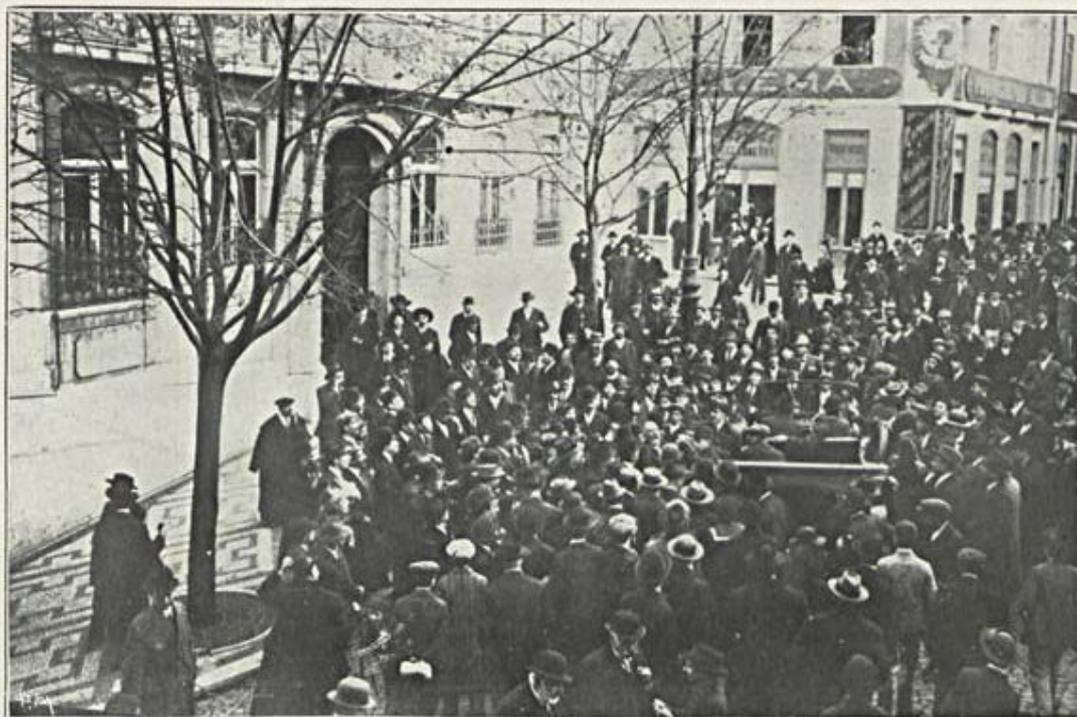


Os manifestantes correndo atrás d'um proprietário e apuçando-o

Os templos do paganismo

Eram verdadeiros museus, sem classificação nem methodo, e onde as obras d'arte se misturavam com os objectos mais extravagantes. Ao lado de imagens ou estatuas celebres, junto dos trabalhos dos grandes artistas, viam-se em exposição cascas de côcos, crocodilos empalhados, serpentes enormes, ferrões de formigas da India, uma verdadeira loja de ferro velho. N'estas collecções a

phantasia ultrapassava os limites do permitido. N'um templo de Sancus (deus Sabino) via-se o fuso e a roca de Tanquil. Em Sparta, a lança de Agesilau; em Platea, um sabre de Mardonio. Mostravam outros em Linde o ovo de Leda e uma taça de ambar oferecida por Helena ao templo de Minerva, e que, diziam, modelava exactamente o seio da formosa adúltera. Pausanias pretende que havia na Panopea, na Phocida, os restos da argila com que Prometheu amassou os homens, e juntava gravemente que tal barro tinha um cheiro de pelle humana.



Em frente da Associação de Agricultura — A manifestação contra os agricultores e proprietários

Os manifestantes impedindo a saída dos senhorios e lavradores

(Phot. de ***)

A questão do peixe



No novo mercado de peixe, em Santos — As peixeiras na lota

NOITE

(Aos meus)

Noite alta. Hora de paz. Montecatini dorme
Ar morno. Negro o céu. Milhões de pyrilampos
Recortam em zig-zags a escuridão dos campos.
Evolva-se do ambiente uma tristeza enorme.

Ressôna ao fim da estrada um velho sobre um banco.
Nas nascentes ao longe a água geme. Oiço-a ainda.
Que é feito do perfil de Angelica, tão linda
Na sua saia azul, com seu avental branco?

Pávida solidão. Fugiu toda a poesia
Da Italia poetica. Ha murmurios só. Dir-se-ia
Que o Universo sustára a sua grande voz.

Deito-me. Sobre a paz da Terra, a esta hora,
Cáia também do somno a paz reparadora.
Cerro os olhos. Não durmo, e scismo, e penso... em nós.

Thermas de Montecatini. — Italia, 29 de Maio de 1911.

Providencias agricolas

No tempo d'el-rei D. Fernando, a producção do trigo em Portugal era tanta, que chegava para o sustento interno e sobejava para exportação; e dos Paizes Baixos, Alemanha, Castella, Leão e Galliza vinham buscar azeite a Santarem, Lisboa, Abrantes, Estremoz, Moura, Elvas, Beja e Coimbra, que era considerado o de melhor fabrico.

Mas, observando que essa abundancia começava a diminuir, para evitar danos futuros, nos cortes «que para isso juntou, diz Duarte Nunes de Leão, mandou que todos que tivessem herdades proprias ou emprasadas ou de qualquer outro modo fossem constringidos para as lavrar. E se fossem muitas, e em diversas partes, lavrassem as que lhes aprouvessem, e as mais as fizessem lavrar por ou-

trem, ou dessem a lavradores de sua mão; de maneira que todas as herdades que eram para pão, todas fossem de trigo, cevada e milho.»

«Idem que cada um fosse constringido a ter tantos bois, quantos eram necessarios para as herdades que tinham, e se os não podessem haver senão por grandes preços, lhes fizesse dar a justiça por preços justos, segundo o estado da terra.»

«Que se assignasse tempo conveniente para se principiar a lavrar sob certa pena, e quando os donos não aproveitassem as herdades, ou dessem a aproveitar, as justicas as dessem por certa coisa, que os donos não haveriam, mas fosse despesa em proveito commum do logar aonde a herdade estivesse.»

«Item os que costumam ser lavradores ou filhos e netos de lavradores, que em villas ou cidades se achassem usando officios, que não fossem tão proveitosos ao bem publico, como o da lavoura, fossem constringidos a lavrarem... e se não tivessem herdades suas, lh'as fizessem dar das outras para as aproveitarem.»

«Em cada logar mandava que houvessem dois homens bons que vissem as herdades, que eram para dar pão, e as fizessem aproveitar a seus donos, por vontade ou constringidos, taxando entre os donos d'ellas e os lavradores o que fosse de venda. E não querendo o dono convir em coisa



A questão do peixe

Na Ribeira — As ovarinas contidas pela guarda republicana



A questão do peixe — A guarda republicana protegendo as ovarinas que sahiram para a venda de peixe

(Phot. de ***)

arrazoada perdesse a herdade para sempre e fosse para o commum do logar.» Mandava por fim que todo e qualquer vadio que se encontrasse, embora se chamasse *escudeiro* ou criado do rei, ermitão, pedinte e outros fossem obrigados a servir na lavoura; e que se reagissem os açoitassem; isto pela primeira vez, e na reincidencia os açoitassem e lançassem fóra do reino.

—Nem tudo que luz é oiro.—
A's vèzes o riso é magua...
Quantos olhos de tristèza
Parecem fogo e são agua!

—Cá e lá más fadas ha,—
Oh quanto melhor seria
Dizer-se que, lá e cá,
Só boas fadas havia!

Astoria Correia de Oliveira.

Donas de tempos idos

Carta ao senhor Conde de Sabugosa

Meu muito presado Conde de Sabugosa :

Ao acabar de ler o seu precioso livro *Donas de tempos idos*, ocorrem-me, como commentario d'irrefragavel justeza, aquelles sumptuosos versos — dos melhores entre os maiores de toda a anthologia patria —

*Cavar pelas minas de fundas verdades
é nobre fadiga;
mas contos contados de edades a edades
teem força de encanto que a todos obriga...*

No seu livro, meu caro amigo, o velho Castilho encontraria, a um tempo, a *nobre fadiga* dos mineiros da *Historia* e a *força de encanto* dos *contos contados*

... que avós e padres já creram de fé.

E' um compendio de lição proficua, é um livro de espirital deleite: uma obra onde a genuinidade portugueza se trasvasou em moldes modernos sem perder, na metamorphose, aquella fragancia ora ingenua, ora apaixonada, ora heroica e, tantas vezes, barbara dos pródromos da monarchia, dos tempos de Aviz e do estrebuxar do seculo xvii. E' uma longa *étape* percorrida de 5 seculos a que vae d'essa deliciosa e tremenda Maria Paes — flôr de graça e de peccado — até ess'outra figurinha de vitral hieratico — flôr de graça e de desdita — que chegou até nós amortalhada na antonomasia irial, que é uma aurora e é um sudario, de *Sempre Noiva*.

Agora, comprehendo eu o exito que estes capitulos magistraes despertaram nos leitores do *Jornal do Commercio*, do Rio, ao passo que iam sendo publicados e, na minha qualidade de portuguez estreme, muito me orgulho com o unanime applauso que elles obtiveram, quasi que tomo para mim uma quota parte dos louros que a opinião fluminense conferiu ao seu insigne auctor.

Eu creio que quem quer que os lesse e, por decerto, enquanto os estivesse lendo, haveria de considerar que um povo que tem uma tão grande historia, de cujas paginas se desprendem tanto heroismo e tanta galhardia, que se offereceu a si e ao mundo tantas mulheres de rara envergadura politica, moral, social, que foram modelos na sua terra e causaram o assombro das patrias adoptivas, que um povo de tanta fortaleza historica e de tanta capacidade sentimental não pôde morrer d'inanição, acobardado perante o infortunio que, solerte, um dia lhe bateu á porta, entrou e implacavelmente o apouca aos olhos de estranhos e — o que é bem peor — aos seus proprios.

Reduzidos a volume, esses artigos esparsos, adquirem, para nós, um valor, uma força que se nos projecta n'alma e que nola elevam n'um *sursum corda* de esperanza e de rehabilitação. E' a alavanca forte do tradicionalismo a levantar de ruinas amontoadas por causas tão diversas e, até, tão antitheticas, aquella porção incontaminada de gente portugueza.

E' claro que as *Donas de tempos idos* não tiveram inicialmente qualquer intuito d'ordem politica ou social similar a tantas publicações que a mentalidade da França, em cada anno, atira á publicidade, firmadas pelos nomes mais altos e mais respeitadas na philosophia e nas letras e que são outros tantos virotões arremeçados, em nome da tradição, em nome da familia, em nome da liberdade, em nome do socego e da grandesa dos povos,

ás barbacans da tyrannia hodierna que se mascára histrionicamente com as lantejoulas d'um equalitarismo fementido, por impossivel sobre a face da terra.

Ha quem pense que este movimento de regresso ao tradicionalismo se esboçou, ha pouco tempo; quando é certo que uma das maiores cabeças de pensador, de que, no seculo xix, se pode orgulhar a França e o mundo — refiro-me a Hypolito Taine — já claramente o preconisa e acentua nas *Origens*. Depois d'elle, na luminosa esteira d'esse mestre incomparavel, quantos espiritos, dos mais altos, o não teem seguido, em tomos da especialidade, em romances, em poemas, em substanciosas publicações de *magazine*, em simples artigos de quotidianos?!

Ora, ler as *Donas de tempos idos* (embora o seu auctor n'isso não pensasse) é regressar: é subir a uma alta, rendilhada torre de marfim, fugindo a esta triste realidade que, vista lá de cima, ainda nos parece mais inconsistente e mais pequenina. Nós, enquanto na torre permanecemos, estamos no ambito da nacionalidade, dentro de nossa casa, sentimos a verdade e razão da ideia de patria, com todos os seus defeitos, que são muitos, com todas as suas qualidades masculas e affectivas, que são muitas mais.

E' um pequeno e confortavel recesso, este livro, onde a alma da nação se acolta das agrestes ventanias de hoje e dos negrumes que ensombram o horisonte. Basta-lhe a sua erudição amavel, e levemente exposta, n'um vernaculo perfeito, para nos suggerir consoladoramente que nem tudo ainda é, entre nós, incompetencia ovante e linguagem mascavada de baixa extração. Quando,

sob este restricto ponto de vista litterario, um dia se fizer a historia d'esta epocha, ver-se-ha com assombro — porque por vezes a historia é d'uma superficialidade que só os contemporaneos de boa fé poderiam corrigir — que, ao contrario do que tem succedido nos grandes movimentos politicos, não surgiu agora, no sólo da patria, já não digo uma camada de espiritos altos que illustrassem nobremente os fastos nacionaes, mas nem uma unica (para amostra...) figura de relevo que possa hobrear com aquellas que, vindas d'outros tempos, conservam com galhardia e denodo a lampada acesa no santuario da espiritualidade de Portugal.

E se, a muita gente, este facto pode passar despercebido ou ser, por muitos, havido como bysantina cousa de pouca monta, na quadra utilitarista que o velho e novo mundo atravessam, não deixa de ser d'uma verdade irrelutavel, e em cada momento da vida dos povos comprovada, que a Litteratura é uma synthese, o quadro moral d'uma nacionalidade, a expressão consciente da sua evolução secular e historica.

Quem attentar, com olhos de ver, na espantosa produção hodierna dos publicistas franceses sobre motivos sociaes, reconhecerá que os grandes nomes consagrados, que durante um longo periodo da sua vida mental se entregaram a cortejar a facil popularidade das chamadas ideias avançadas, regressam, ostensivamente uns, implicitamente outros, á defesa do velho edificio social, sotopondo-lhe as escóras valentes dos principios tradicionaes que o impedirão de sossobrar.

N'esta campanha de rehabilitação, e ao lado d'estes obreiros encanecidos na labuta de muitos annos, surge uma galharda legião de novos: moços das escolas de direito e de outras a combater denodadamente, na brecha, onde os fogos são mais accessos. Tal o movimento expressivo e consciente da evolução secular e historica — o movimento litterario — que relega, para o plano inferior das cousas fallidas, aquelles conceitos tão vassios de sentido como lantejoulantes de fôrma que fizeram, ainda fazem e sempre farão o assombro e o encanto dos ignaros espectadores de comicios — d'aquella população que, no dizer de Gustavo Le Bon, se move unicamente por sentimentos, insusceptivel de todo e qualquer raciocinio. D'aqui, a necessidade absoluta e inadiavel d'uma aristocracia — como synonymo de *élite* — dirigente que espanque



Conde de Sabugosa

com golpes certos aquelle *culto da incompetencia*, de que nos falla Emilio Faguet, o qual, entre nós, foi, como seria facil demonstral-o, precedido do *culto da irreverencia* e do *culto do reles*.

Tenho eu aqui, sob os meus olhos mortaes e atonitos, uma carta que um dos mais altos funcionarios do regimen e lente d'uma escola superior, publicou nos jornaes, em 11 de junho de 1911. N'essa carta, o seu signatario, depois de cair a fundo so-

Assumptos religiosos

DIA DE NATAL



A Madonna de Rolin

E' o nome por que é conhecido este celebre quadro de João van Eyck, o grande pintor flamengo. O quadro representa Nossa Senhora e o Menino Jesus, vendo-se prostrado em adoração deante da Virgem, Nicolau Rolin, chanceller de Burgandy em 1422. O chanceller offereceu este quadro á igreja de Antun, onde tinha sido baptisado, igreja que já hoje não possui essa obra prima, que actualmente se encontra no Museu de Louvre, em Paris.

A questão do Oriente

A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia



Officialidade do exercito turco

bre a Universidade de Coimbra e sobre a «pedantocracia tremendamente característica das *classes cultas*», termina, dizendo, que estas — as classes cultas —

«seriam hoje o grande perigo a temer e combater se a nossa «melhor esperança não residisse toda no vigor inexaurível da «ignara massa popular sobre a qual EXCLUSIVAMENTE temos «de modelar o Portugal Novo.»

Sublinho com muita vehemencia este «exclusivamente», para que resalte bem o contraste entre o pensar da mentalidade europeia, no respeitante a *élites* dirigentes e o congeminar alkoronico dos que actualmente dão as cartas no taboleiro verde e vermelho da governança publica em Portugal.

De tão descompassados propositos, talvez desculpaveis na improvisação oratoria das assembleias politicas, impossiveis de sombra de desculpa na linguagem escripta e demais a mais assignada por um nome que tem ou deve ter auctoridade, resulta este estado moral da nacionalidade que se caracteriza pela ausencia de sentimento artistico e pela eclosão d'um manifesto ilogismo em toda a obra que se destine a celebrar o existente.

E, no entanto, o futuro historiador, para ser justo, terá de notar que, n'este periodo, viram a luz da publicidade as mais completas expressões da linguagem escripta, que honram as boas-lettras de Portugal em todos os tempos.

Mas quem são os seus auctores?! Não quero cital os, nem preciso de os citar, tanto os seus nomes são conhecidos e apreciados pelos que manuseam jornaes e livros entre nós; mas nenhum d'elles — nem um só — nos surge revestido de tunica politico-litteraria de Latino empunhando a theorba democratica ou o alaúde revolucionario para cantar os prodigios de felicidade que este povo usufrúe de ha dois annos a esta parte.

As *Donas de tempos idos* formam entre o estado-maior d'esta litteratura, de hoje e de sempre, cuja nobresa de linhas se esmalta de maiores apreços e de mais sentidas benemerencias, por vir n'uma epoca sáfara para cousas de espiritualidade pura.

Eu estou convencido, intimamente convencido, de que a possível regeneração do paiz se ha de fazer á custa da sua *élite*, ajudada, é claro, pela prova experimental, e negativa, que nos offerceram as *massas ignaras* na sua função dirigente. Completa-se o estudo dos movimentos sociologicos que ininterruptamente se operam e se succedem, com o estudo da historia e das tradições que são a genealogia de cada povo.

D'este corpo de doutrina, resalta a conclusão flagrante de que, para vivermos, precisamos de mudar de vida... e já não é de todo mau, n'uma epoca de descrença e de bota-abaixo, ter uma convicção solida e fixar sobre ella uma esperança constructora.

Como as *Donas de tempos idos* me ajudam a consolidar esta fé e esta esperança, muito lh'o agradece o

Seu amigo certo e admirador sincero

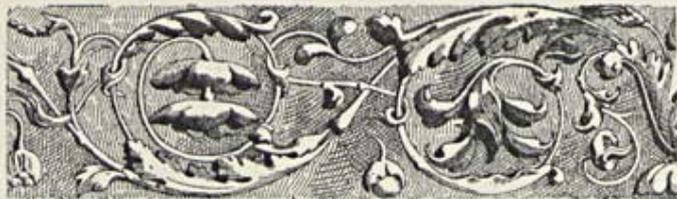
1 de dezembro 1912.

HEMETERIO ARANTES.

Pensamento. — Um homem, que tem convicções definidas e o sentimento da sua força, tem por obrigação de ser ambicioso. — J. SIMON.



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia
Soldados do exercito bulgaro lançando uma linha telegraphica



POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

XVIII

Ouvindo os lençoes do Mestre

«Deitei-me na noite de tres, acordei na manhã de quatro, e só então, quando almoçava, me foram dizer muito vagamente, que andava a Revolução em Lisboa e que estavam cortadas as comunicações. Calcule como fiquei.

«Vencer-se-hia? Não se venceria?—eram as minhas perguntas mentaes n'aquelle quasi ermo da Boa Viagem. Não sahi de casa, a revér provas, e, por volta das duas horas, senti o rumor de tiros de artilharia do lado de terra. Calculei que era o combate da Rotunda e a gente de Queluz. Passado tempo, novos tiros, mas do lado do Tejo. E igualmente tudo me leva a crer que era o bombardeamento das Necessidades.

«Depois mais nada. Chegou a noite e deitei-me n'um estado de espirito facil de avaliar. Tinha acabado de o fazer, quando oigo novos tiros, ainda no Tejo.

«Continuava, pois, travada a coisa!—exclama o sr. Theophilo Braga, proseguindo:—Puz-me então, às escuras, de olhos cerrados, a assistir mentalmente ao drama. O que eu via nas ruas de Lisboa! A dinamite em acção, o povo metralhado pela municipal, uma lucta terrivel entre a reacção e a liberdade!... De subito, um silencio aterrador, silencio que durou minutos sobre minutos... meia hora... mais... ainda mais... O que a minha imaginação antevia então de horroroso! Tudo escangalhado... as prisões de Monsanto e do Alto Duque abertas, os carcereiros da Penitenciaria escancarados... os navios mettidos no fundo porque os mainheiros, vendo-se perdidos, estavam resolvidos a fazê-lo, etc., meu amigo. E—accentua o nosso illustre entrevistado—o que, de facto, a coisa esteve quasi escangalhada.

«Continuaram, porém, alta noite os tiros. Nova esperança! E fui contando... um, dois, tres, até vinte e um... Mais nenhum.

«Ora vinte e um tiros é uma salva. Será um avião de triumpho? perguntei aos meus lençoes. Ora, sendo de triumpho, certamente era a victoria da Republica, porque, caso venesse a causa dos Braganças, o tempo não chegaria para a guarda e a policia correr a prender ou quicá chacinar republicanos, quanto mais para dar salvas...

«Bompeu a manhã; a vizinhança só sabia dizer que a Revolução estava feita, qu' o rei tinha fugido, e mais nada. Almocei e metti-me então n'um comboio, porque me asseguraram que se transitava já até ao Aterro. Aqui apeei-me no meio de correrias da multidão aos vivos, com bandeiras e estrelajando foguetes por todos os cantos.

«E lá, caro amigo, a atravessar a praça Duque da Terceira, quando me vi envolvido pelo povo, que me reconheceu, e soltara vivas ao presidente, agitando os chapéus n'uma loucura bella e grandiosa.

«O presidente?—exclamei eu comigo proprio.

«E os vivos proseguim sem interrupção. Levado não sei bem como, na onda, até á Camara, ali acerca-se de mim um, não me recordo se Antonio José d'Almeida, se Alfonso Costa, e diz-me: apresentando-me um papel:

«—Aqui está a lista... Você é presidente!

(D'uma entrevista das *Novidades* com o dr. Theophilo Braga).

A entrevista concedida pelo sr. dr. Theophilo Braga a um redactor das *Novidades* pareceu-nos incompleta. Faltavam ali promenores certamente interessantes e valiosos para esclarecimento da Historia, que tem de se occupar com a imparcialidade e minucia d'um severo juiz julgador, do presidente do governo provisório da republica.

Pensámos primeiro em ir solicitar tambem do Mestre uns minutos d'attenção para completarmos a narrativa das *Novidades*. Mas, reflectindo melhor, achámos que nenhuma fonte mais auctorizada nos poderia fornecer os elementos que desejavamos, do que os proprios lençoes da cama onde o dr. Theophilo Braga passára a ultima noite, como um cidadão vulgar do Lineu, antes de ser guindado ás culminancias triumphaes do dia 5 de outubro de 1910.

Cheios de decisão e coragem, mettemos hombros á empreza, conseguindo por fim, não sem custo, avistarmo-nos com os já agora historicos lençoes que tinham aconchegado o corpinho magro do sabio doutor, na noite de 4 para 5 do mez revolucionario.

Vencidas inumeras difficuldades que nos abstemos de descrever, para que se não diga que estamos encarecendo os nossos

meritos de entrevistador ousado, que não trepida deante de qualquer obstaculo para bem informar os seus leitores, fallámos ha dias com as duas peças de roupa caszira do que fóra o primeiro a exercer o mais elevado cargo na democracia luzitana.

Para os lados de Loures, na pequena e risonha freguezia de Louza, habita n'um casalsinho branco e aromatizado de alfazema, a cidadã Maria do O', velhinha encarquilhada pelos asperos invernos e que exerce ha muitos annos o honroso mister de lava-deira do Mestre.

Foi por seu intermedio que conseguimos entrevistar os lençoes.

—Estão velhinhos, mas o senhor não repare. O dr. Theophilo tem-lhe muita *amizidade* porque, emfim, elles teem-lhe aturado muito...—replicou-nos a bôa Maria do O' depois de expormos o fim da nossa visita, emquanto desatava a trouxa e nos estendia sobre um monte de matto secco os nossos entrevistados.

Olhamos um instante essas duas peças de roupa que o coloreto havia salpicado de pequenos buraquinhos e, dirigindo-nos cortezmente a um que estava remendado no pano do centro, inquirimos, cumprimentando:

—V. ex.^a é que costuma exercer as funcções de lençol de cima na cama do Mestre?

—Nada, não senhor. O lençol de cima é aquelle meu mano. Eu costumo ficar junto ao colchão do dr. Theophilo.

O *mano* não tinha remendo algum. Umas duas ou tres passagens, a bainha um pouco descosida e na ponta duas letras: *T. B.*, marcados a encarnado e verde.

—Estavam na cama do Mestre, na noite de 4 para 5 de outubro de 1910, não é verdade?—continuamos.

—Sim, senhor. Estavamos ao serviço desde o principio de Agosto d'esse anno.

—Tanto tempo?!

—E' o costume. Dois, tres mezes!... O dr. é muito conservador... na roupa.

—Podem então informar-me como passou o sr. Theophilo Braga a vespera da sua ascenção aos pinaculos do provisório. As confidencias que lhes fez, a agitação da primeira noite depois de estar investido em tão altas funcções, os seus sonhos, os seus sobresaltos e alegrias, emfim uma nota inedita desses momentos historicos para fornecermos aos leitores do *Brasil-Portugal*.

O lençol de cima, enrugando-se um pouco como quem sorri, murmurou:

—As suas confidencias, os seus sobresaltos, as suas alegrias! Dariam um livro maior que os dois volumes do Teixeira de Sousa... se lh'as podessemos dizer. Por certo V. comprehende a nossa situação. Somos da casa e, já agora, ali queremos acabar aposentados em rodilhas. Ha coisas, portanto, que nos é impossivel revelar.

—No entanto, sem quebra de indiscripção...—atalhamos convencendo.

—Olhe, na noite de 5 de outubro, já quando o dr. tinha sahido premiado na lista...

—Premiado na lista?

—Sim Então não sabe que quando elle ia atravessar a Praça do Duque da Terceira e ouviu apregoar a lista geral, foi logo á Santa Casa do Municipio vêr se tinha premio?

—Ah! é verdade...

—Foi até o dr. Antonio José d'Almeida que, depois de examinar a relação dos numeros premiados, lhe deu a nova de lhe ter sahido a taluda da presidencia.

—Sim, recorda-me agora perfeitamente...

—Pois, n'essa noite, o Mestre recolheu mais tarde. Seriam umas tres horas da manhã. Enroscou-se muito bem enroscado no meu mano lençol de cima, e começou monologando comnosco: «Caramba! Já não foi sem tempo. E agora é aproveitar a maré. Que diabo, realmente sou um homem com sorte. Se a coisa se tivesse perdido lá estavam os tolos que arriscaram o corpinho para as consequencias, e eu, continuava sendo um sabio alheio á *infeliz levandade dos rapazes!* Estás a vêr o lençol! Mas o Machado Santos deu conta do recado e agora, como o bom sapateiro que depois de ter a obra prompta a vem entregar a casa do freguez, lá tenho os sapatinhos da presidencia. Catita! Catitissimo!... Catitititissi...» N'essa altura o doutor, enroscando-se mais em mim e no meu irmão, começou agitando as pernas magrinhas e adormeceu. Sonhou então, um sonho delicioso: «Nas ruas, flores e vivas davam á cidade um aspecto de delirio. E elle, o Sabio, o Mestre, o Presidente, o mais fallado, o mais conhecido, o mais admirado homem da Europa, ia recebendo ás dezenas, ás centenas, aos milhares, cartas, saudações, mensagens de todos os cantos do mundo.

O Rei d'Inglaterra tratava-o por collega; o Imperador d'Allema-nha por Mestre; o presidente da França por camarada e guia; o Czar da Russia por consocio. No Terreiro do Paço tinha desaparecido a figura do D. José, da estatua equestre. Mas lá estava o cavallo, agora transformado em burro; e sobre esse jumentinho orelhudo e manso era elle Theophilo, Mestre e Presidente, que cavalgava, empunhando a *malva* com pano novo, verde e encarnado. No medalhão, em baixo, substituindo o insignificante perfil de Pombal, brilhava a phisionomia risonha do seu primeiro ministro, o Affonso. E desde o Rocio a turba aclamava n'uma bicha monstra, enquanto elle, Theophilo, Mestre e Presidente, ia indicando para o cano de esgoto que desagua nas aguas pardacentas do Tejo, aquelles que se atreviam a oppôr barreira á sua soberania; e lá ia o Antonio José á frente, pelo esgoto abaixo, abrindo a

Vida elegante



A sr.ª D. Marianna Reynolds

longa fileira dos condemnados que ousavam empanar o seu esplendor. Assim sonhou o doutor até de manhã, agitando sempre as pernas magrinhas entre mim e o meu mano lençol de cima, até que uma nesga de sol claro o chamou á realidade da vida. Vestiu-se, comprou bilhete de 3.ª classe e seguiu para Lisboa.

— E diga-nos... — tornámos nós anciosos por mais revelações curiosas. Na noite antecedente...

— E'-nos impossivel alongar mais em considerações. A lava-deira vem já ahí e temos que recolher á trouxa.

— Um instante apenas. Na noite de 4 para 5 o dr. dormiu tranquillo? Não esteve ancioso, sobresaltado, quando começou ouvindo os tiros, dando signal da *coisa* ter começado?

O lençol de baixo, acercando-se então mais de nós, concluiu n'uma confidencia:

— Sobresaltado?! Só lhe direi que eu então fiquei... n'uma lastima!...

A sr.ª Maria do O' aproximou-se, e mettendo os lençoes na trouxa, despediu-se de nós com uma mãozada egalitaria e fraternal.

CRISPIM.

Uma mulher bonita vale muito; uma mulher graciosa vale mais; uma mulher bonita e graciosa vale um thesouro.

A VIDA ELEGANTE

Trez casamentos

SUCCEDEM-SE os casamentos elegantes neste final de anno. Abrem-se nóvos láres illuminados pela dóce e serena felicidade, atapetados de flores odoríferas; e novas existencias começam acariciadas e fortalecidas pela suave alegria de viver.

D'essas cerimoniaes realisadas entre as mais legitimas e puras alegrias, registra hoje o *Brazil Portugal*, tres das mais distinctas e brilhantes.

Na egreja de Aldoár, no Porto, realisou-se o casamento da sr.ª D. Clementina Augusta Ferreira Velho, filha do sr. Agostinho Francisco Velho, já fallecido, e da sr.ª D. Maria Ferreira da Silva Velho, com o sr. Francisco José de Mello Cordovil Caldeira Didier, filho do sr. dr. Joaquim Libanio d'Almeida Didier, já fallecido, e da sr.ª D. Maria Rosa Caldeira Cordovil, já fallecida.

Pertencem os noivos a algumas das mais illustres familias da



Vida elegante

Francisco José da Fonseca Coutinho de Castro

velha aristocracia portugêsa cuja tradiçãõ honram pelas suas nobres e distinctas qualidades pessoais.

A noiva, uma senhora muito gentil e pianista notavel, educada em Londres, onde nasceu, teve por sua quarta avó, D. Paschoa Maria Antonia de Castro Sousa e Menezes, herdeira e senhora da Casa de Campos de Lima, na Barca, mulher de seu quarto avó Martim Velho da Fonseca Barbosa, fidalgo da Casa Real por successão a seus maiores, capitão-mór de Portella das Cabras, 19.º senhor do Paço de Marrancos, etc. E' a noiva decima quarta neta, com quatro quebras de varonia, do inclito Infante D. João, Duque de Valencia de Campos, em Castella, e de sua primeira mulher D. Maria Telles de Menezes, irmã esta da Rainha D. Leonor Telles, e filho elle d'El-Rei D. Pedro I e da Rainha D. Inez de Castro.

Descende tambem a noiva por varonia legitima da antiquissima casa do Paço de Marrancos, solar dos Velhos Barbosas, proximo a Ponte do Lima, a que pertencia e de que era filho segundo seu trisavó José Antonio Velho da Fonseca Barbosa e Castro e da qual foi 22.º e ultimo senhor, por successão da familia Velho, o 1.º visconde e 1.º conde d'Azevedo, Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca Barbosa de Sousa e Castro Pinheiro Pereira e Sá Coelho, Grande do Reino, 29.º senhor da villa d'Azevedo, etc., que falleceu sem deixar geraçãõ. Francisco José Velho da Fonseca Barbosa e Castro, cavalleiro de Christo, bisavó, da noiva, emigrando para o Brazil com a cõrte d'El-Rei D. João VI, ali casou, tendo numerosa e brilhante prole, cujos descendentes, ficando n'aquelle grande paiz, lá teem occupado postos, cargos e dignidades elevados, entre os quaes os de almirante, general e senador. Um seu neto, o almirante Francisco Velho, distinguuiu-se na guerra do Paraguay. Um filho d'aquelle, vindo moço para Portugal afim de cursar a faculdade de Direito na Universidade de

VIDA ELEGANTE — Na Povoação de Santa Iria — O casamento da sr.^a D. Marianna Reynolds
com o sr. Francisco José da Fonseca Coutinho de Castro



Os noivos tendo à sua direita a sr.^a D. Maria Fernanda Netto Affonso de Menezes e as irmãs da noiva D. Alice e D. Maria da Graça Reynolds e à esquerda o tenente Mario de Azevedo Freire Themudo, alferes Caetano Alberto de Barcellos, dr. Augusto Ribeiro Vaz e João Romero.



VIDA ELEGANTE — Na Povoação de Santa Iria — O casamento da sr.^a D. Marianna Reynolds
com o sr. Francisco José da Fonseca Coutinho de Castro

Os noivos tendo à sua direita, sentadas, a sr.^a D. Alice Ferreira Reynolds e D. Maria da Graça, mãe e irmã da noiva, e à esquerda, também sentadas, a sr.^a D. Anna da Fonseca Coutinho de Castro, mãe do noivo, e filha a sr.^a D. Maria Augusta de Castro Quevedo acompanhada de seu filho. Em pé (da direita para a esquerda) D. Luíza de Serpa Pimentel Brandão e filha, D. Adelaide Cupertino Ribeiro, D. Alice Reynolds, D. Adelaide Barbosa Fernandes, D. Maria Fernanda Affonso de Menezes, Augusto Vaz, João Romero, D. Jorge de Menezes, Guilherme Ferreira Pinto, Alfredo King, Manuel da Graça Zagallo, tenente Themudo, alferes Barcellos, dr. Vasco de Quevedo e D. Anna de Serpa Brandão.

(Phot. de Alberto Lima)

Coimbra, desistiu d'esse intento mal chegou ao Porto, onde casou com uma senhora da familia Pinto Leite.

Esse joven e intelligente fidalgo que, herdeiro e representante d'um nome illustre, arrostou contra os preconceitos de raça, de que seu pae era excessivamente dotado, e pôz de parte os seus pergaminhos para só se elevar pelos proprios meritos, foi o avô da noiva — esse homem millionario, modelo de energia, de bondade e de honradez nunca desmentida, que se chamou Agostinho Francisco Velho. Foi commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, fidalgo cavaleiro da Casa Real, vice-consul do Imperio do Brazil no Porto, etc., exercendo n'aquella cidade cargos importantes e de representação, dispondo d'uma influencia invejavel, dispensando favores e serviços sem conta, occupando na sociedade do seu tempo um lugar de supremo destaque e proeminencia, ainda na memoria de muitos, e impondo-se ao respeito de todos pelo prestigio do seu nome, pelo seu caracter immaculado e pelas suas brilhantissimas qualidades, que ainda hoje o fazem recordar com viva saudade.

Era senhor da Quinta Amarella, em Paranhos, onde teve a honra de receber a visita dos ultimos Imperadores do Brazil, quando da sua estada no Porto em 1872. N'essa bella quinta, que elle tornou, com os seus lagos e castellos, uma verdadeira residencia senhorial, hoje pertencente á Congregação das Irmãs da



Vida elegante

A sr.ª D. Maria Magalhães e Menezes de Villas Boas



Vida elegante

Eduardo Pinho de Almeida

Caridade do Bom-Pastor, e onde vivia com o fausto e a grandesa correspondentes ao seu nome e á sua posição social, recebia e festejava tambem muitos dos vultos mais eminentes da sua epocha.

Entre constantes honras e beneficios que os reis de Portugal concederam a esta Casa, cujos senhores os serviram sempre com todo o valor, lealdade e dedicacão, possuiu ella varias commendas na Ordem Soberana de S. João de Jerusalem, ou de Malta, da qual foram cavalleiros alguns filhos segundos.

No numero dos seus antepassados — e esse foi por certo, o mais glorioso — conta a noiva o grande Frei Gonçalo Velho Cabral, descobridor dos Açores, 1.º capitão donatario das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, senhor dos morgados das Pias da Cardiga e da Beselga, commendador do castello de Almourol na Ordem de Christo, etc., que, sendo um dos fidalgos que no promontorio de Sagres cercavam o Infante D. Henrique, e a quem este particularmente distinguia com a sua amisade, com elle se achou na heroica tomada de Ceuta.

Era Frei Gonçalo Velho Cabral irmão de Alvaro Velho, decimo segundo avô, em linha recta, da noiva, e ambos filhos de Fernão Velho, cavalleiro de S. Thiago, vassallo d'El-Rei D. Fernando, alcaide-mór do castello de Vallada, senhor do Souto da Mercê, etc., e da sua mulher D. Maria Alvares Cabral, da Casa Belmonte, a qual era quinta neta d'El-Rei D. Affonso III. Pertenceram tambem a esta familia, João Velho, embaixador d'El-Rei D. Diniz á cõrte de Aragão a fim de tratar o seu casamento com a Infanta Santa Isabel e acompanhal-a a Portugal, e D. Francisco da Fonseca, Bispo de Tripoli.

Não tendo o 1.º conde d'Azevedo deixado filhos, é actual re-

presentante, por direito de progenitura varonil, da nobilissima familia Velho, o tio da noiva, o sr. Julio Francisco Velho, antigo vice-consul do Reino de Portugal em Manchester, que tambem não tem geração, passando, pois, por sua morte, a representação da Casa para seu sobrinho, irmão da noiva, o sr. Agostinho Francisco Velho, que será tambem o representante do famoso Gonçalo Velho Cabral, descobridor dos Açores, pois que, fallecendo este solteiro por ser commendador da Ordem de Christo, e sem geração, foi herdeiro e successor o seu unico irmão, Alvaro Velho atraz mencionado. A noiva está, pois, aparentada com algumas Casas da velha aristocracia Portugueza.

O noivo, um distincto engenheiro civil, muito estimado pelo seu primoroso caracter, descende, por linha varonil, d'uma antiga familia de França que no seu paiz exerceu cargos honrosos e elevados. Seu bisavô Jean Joseph Didier, official graduado do exercito ao tempo da revolução franceza, foi vice-rei, ou governador, da India no regimen dos Bourbons. Um irmão d'este foi arcebispo, sendo assassinado no altar na occasião em que celebrava a missa. Um filho d'aquelle é que veio domiciliar-se em Portugal.

Pelo lado materno pertence o noivo á familia do antigo morgado Cordovil, em Evora, de que é hoje representante seu primo, o sr. José Caldeira Castel-Branco Cary Cordovil. Foi d'esta familia o douto Padre Antonio da Costa Cordovil, freire da Ordem de S. Thiago, doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra e prior da freguezia de Nossa Senhora da Ajuda em Setubal, que

nos ultimos annos da sua vida se recolheu ao convento da Arrabida, na Ordem de S. Francisco, ali professando e ali fallecendo em 1679.

De nobre extirpe, como se vê, alliam os noivos, como já dissémos, á elevação do seu nascimento, o brilho das suas qualidades pessoais, justificando-se por isso, em absoluto, a homenagem que hoje lhes prestamos.

Outro casamento muito elegante e distincto foi o da sr.ª D. Maria de Magalhães e Menezes de Villas Boas, uma senhora distinctissima, pertencente á nobre Casa de Corredoura de Cambres, Lamégo, com o sr. dr. Eduardo Pinho de Almeida, pertencente a uma distincta familia do norte e muito conhecido nos circulos elegantes de Lisboa, onde é muito querido pelos primos do seu trato e excellentes qualidades de caracter.

A cerimonia realisou-se na Capella do Rocio da Casa de Cambres que estava lindamente decorada, tendo servido os velhos e preciosos paramentos brasonados do tempo da Casa de Adbarros, antigo solar dos Marquêses de Tavora, esplendidas reliquias de mais elevado valor historico e artistico, bordadas a barras de ouro, e datando a sua antiguidade dos fins do seculo xix.

Acompanham os noivos, as vivas sympathias de quantos os conhecem.

O terceiro casamento que hoje o *Brazil Portugal* menciona com as homenagens que são devidas ás distinctas familias que se

alliarão, é o da sr.^a D. Marianna Reynolds, gentil filha da sr.^a D. Alice Reynolds e do sr. Thomaz Reynolds, com o illustre official de cavallaria, sr. Francisco José da Fonseca Coutinho de Castro, filho da sr.^a D. Anna da Fonseca Coutinho de Castro e do antigo chefe do estado maior, sr. José Joaquim de Castro.

A cerimonia religiosa teve lugar na capella que os paes da noiva possuem na sua magnifica propriedade, da Povia de Santa Iria, tendo um cunho particularmente distincto e o realce da colaboração festiva dos povos d'aquella localidade que assim demonstraram o seu affecto pela considerada familia Reynolds.

E festas mundanas? Segreda-se alguma coisa sobre o assumpto...

Parece que o anno elegante começará por uma bella *soirée*



Vida elegante

A sr.^a D. Clementina Augusta Ferreira Velho



Vida elegante

Francisco José de Mello Cordovil Caldeira Didier

dedicada á audição de trechos d'um maestro celebre, festa que se realizará n'uma das mais elegantes residencias da capital, onde resplandece, pela sua gentileza, elegancia e cultura de espirito, uma das mais distinctas senhoras das colonias estrangeiras de Lisboa.

O resto... por enquanto é segredo.

L. T.

A HONRA

Honra! que é honra! um riso, uma facecia, um chiste, que existe para orar discursos — quando existe, Que nobre peito inspira? a que alma digna obriga? Atulha-vos de xira os cantos da barriga? Não. Cura-vos do mal a perna ou pé? Não cura. Um dedo ao menos? Nada. Unha, se é longa e escura, apara, limpa? Qual! Que ha pois em tal portento? Um som, um simples som. E que ha n'um som? Ha vento que passa, que murmura, e affaga, se arde a sésta. Que presta aos vivos? Nada. E aos mortos? Nada presta. Eis a honra e o seu cortejo! E por tal som vasio, um pouco d'ar, um nada, a heroe d'alento e brio, recusaes, sem pudor, servil-o nobremente! Burlões de grosso trato! Escoria e horror da gente! Pegae-vos á vossa honra, aos brios da alma, embora! Fóra, honrados villões! honrados pilhos, fóra!

(Do *Cavalleiro Falstaff* — Acto 1.^o.)

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

Assumptos militares

O armamento dos aeroplanos

AGORA que a applicação dos aeroplanos aos usos da guerra se vae generalizando cada vez mais, pensa-se, nos meios militares, em os dotar com uma arma de fogo de pequeno volume e peso, mas de tiro muito rapido. N'este sentido teem sido realisadas, em França, na Alemanha e nos Estados Unidos, algumas experiencias, afim de determinar qual deve ser essa arma: se a «metralhadora extra-leve», se a «espingarda-metra-

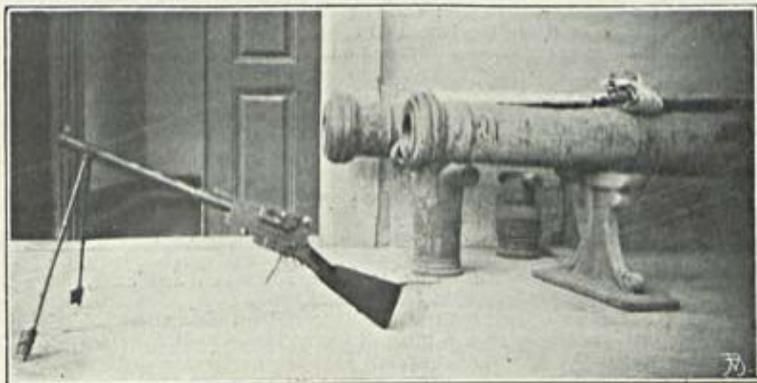
lhadora». Diz-se tambem que a Alemanha possui já aeroplanos blindados, para os defender dos projeteis adversos.

A «espingarda-metralhadora», como o seu nome indica, é um intermedio entre a arma portatil do soldado de infantaria e a metralhadora ordinaria, podendo considerar-se como uma espingarda automatica, dotada com um grande deposito de cartuchos e por conseguinte tendo consideravel velocidade de fogo. O carregador adapta-se lateralmente, e o cano tem exteriormente uma helice irradiadora, como o da metralhadora Hotchkisse, e é todo envolvido por uma manga metalica formando guarda-mão. Dispõe de um apoio, no genero do dos antigos espingardões de muralha, e póde atingir a velocidade de fogo de 250 tiros por minuto, com uma precisão superior á de uma metralhadora. Pesa cerca de 7 kilogramas, peso superior ao da espingarda de infantaria, que é em numeros redondos de 4 kilogramas, mas inferior ao das metralhadoras extra-leves, das quaes a Vickers, por exemplo, pesa aproximadamente 12^k,7.

A espingarda-metralhadora é já adoptada em alguns exercitos, notavelmente na Dinamarca e na Russia, que a empregou na guerra de Mandchuria.

A sua leveza, a facilidade de se adaptar ao arreo de cavallo, sem exigir uma viatura especial para o seu transporte, o que lhe dá a facultade de passar por todos os caminhos e em todos os andamentos, tornam-n'a especialmente apta a constituir um precioso auxiliar para a cavallaria, a artilharia de campanha e os comboios, quando destituídas de qualquer apoio ou escolta de infantaria. Para o armamento dos dirigiveis e aeroplanos tambem se presta

Assumptos militares



Espingarda metralhadora Madsen, apprehendida em Chaves e actualmente no Museu da Artilharia

esta arma, attendendo ao seu pequeno peso e sufficiente precisão e velocidade de tiro.

A figura que acompanha esta succinta noticia é reproduzida da photographia de uma espingarda-metralhadora de systema dinamarquez Madsen, que foi apreendida em Chaves, por ocasião da ultima incursão realista, e se encontra agora fazendo parte do Museu de Artilharia.

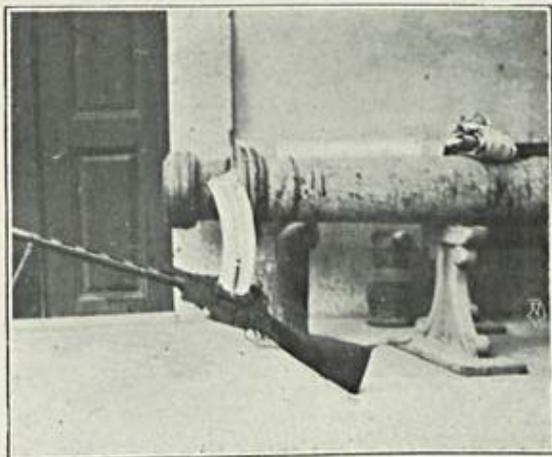
E. P.

Explosivos de oxigenio liquido

TEM sido realizadas ultimamente, na Allemanha e em França, numerosas experiencias com o oxigenio liquido, empregado como explosivo, e no sentido de o aplicar aos usos da guerra.

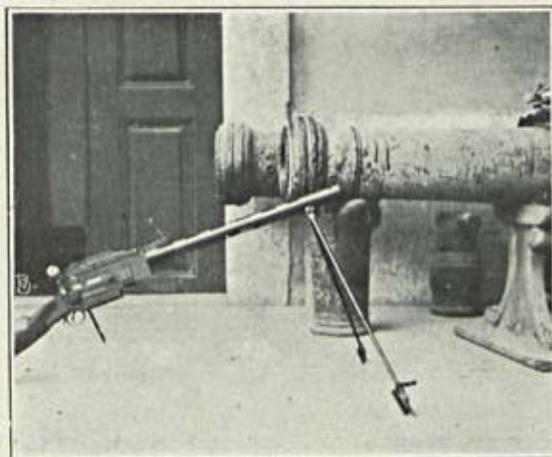
A sua adopção, n'um futuro mais ou menos proximo, deverá fazer uma completa revolução no fabrico dos explosivos, attendendo a que os actualmente empregados são muito mais caros e de perigosa armazenagem e transporte, o que não acontece aos de oxigenio liquido.

Uma mistura de aluminio em pó, ou carvão de madeira, produz, quando inflamada por um detonador especial em recipiente



Assumptos militares

Espingarda metralhadora com o respectivo carregador



Assumptos militares

Espingarda metralhadora vista do lado direito

fechado, uma explosão tão violenta que, no primeiro caso, a sua potencia se pode comparar a duas vezes a da polvora ordinaria, e no segundo á da dynamite ou a 2,5 vezes a da polvora ordinaria. Por conseguinte, um simples e inofensivo cartucho de aluminio ou de carvão, mergulhado em oxigenio liquido, dará lugar, apenas no momento da imersão, a poderosos efeitos fraturantes, cuja larga applicação aos usos militares se pode desde já prevêr.

E se admitirmos a possibilidade, de que não é licito duvidar, da adjução de azote liquido, em determinadas proporções, á aludida mistura, obteremos talvez o meio de constituir um explosivo progressivo, destinado a constituir a carga interna das bocas de fogo, em condições da mais absoluta segurança quanto á sua conservação e transporte, ficando assim eliminadas as causas de explosões espontaneas, tão frequentes na armazenagem das polvoras de nitro-cellulose e de que são bem frisantes exemplos as recentes catastrophes que enlutaram a marinha franceza e teem justamente alarmado a opinião publica, que instantemente reclama os meios de evitar, de futuro, tão repetidos desastres.

E. P.

Pensamentos

Antes de cubiçar alguma coisa é bom indagar se quem a possui é feliz.

E' quasi tão difficil pôr em pratica bons conselhos como proceder sem elles.

Quem viveu sem fazer loucura alguma, não é tão sensato quanto imagina.

LE ROCHEFOUCAULD.

A tendencia da nossa epoca é de substituir aos agentes moraes os agentes materiaes.

RENAN.



Assumptos militares

O tiro de mina com explosivo de oxigenio liquido

Theatro do Gymnasio



Lucinda Simões

O «Brasil-Portugal» presta hoje a justa e devida homenagem á conhecida e distinctissima actriç Lucinda Simões, que actualmente dirige o theatro do Gymnasio. A maneira como n'esta casa de espectaculos se está fazendo arte, bem mostra o valor da grande mestra.

THEATROS

Chronicas theatraes

Primeiras Representações

Nacional. — O *Reposteiro Verde*, peça em 4 actos, original de Julio Dantas.
Republica. — *Serão Vicentino* — *Aljubarrota*, peça em 4 actos, em verso, original de Ruy Chianca.

Crêmos que Julio Dantas, o laureado author de *O que morreu de amor*, do *Serão das Laranjeiras* e da *Ceia dos Cardeaes*, ao escrever

a sua nova peça, *O Reposteiro Verde*, teve em mente apenas patentear a maleabilidade do seu talento, theatralizando a tragedia moderna, á maneira de Henry Bernstein, isto é, compondo o assumpto do seu drama, segundo a prescripção classica das tres unidades: — d'acção, de tempo e de logar; dando pois, ao seu desenvolvimento, a propulsão directa e impetuosa da acção, a implacavel intrepidez com que são apresentados os caracteres e as situações e o poder de dominar o espectador, conservando-o oppresso, offegante, sob o dominio emotivo que lhe é imposto. E a critica imparcial tem de constatar progressos decisivos no talento dramatico do author d'*O Reposteiro Verde* e na sua peculiar maneira de escrever.

No emtanto, se nos perguntarem o que na obra de Julio Dantas mais solicita a nossa admiração, se a sua antiga maneira, que nos deu deliciosos quadros, verdadeiras miniaturas filigranadas e retocadas pelo seu lyrismo de poeta delicado, se a sua nova tendencia para o theatro de acção, diremos, sem reбуço, que os nossos votos vão para a obra do poeta e do estyllista insigne, que burilou essas obras primas — *A Ceia dos Cardeaes* e as *Rosas de todo o anno*, que tanto glorificaram o nome de Julio Dantas.

Alem de que o theatro de acção demanda artistas habituados a este genero; e para a integral interpretação d'*O Reposteiro Verde*, tornáva-se mister, pelo menos, duas artistas femininas, que nos papeis de *Martha* e *Lolote* se impuzessem não só pelo seu talento dramatico, mas ainda pela sua belleza e juventude.

Na personagem da *Viscondessa*, n'uma simples rábula, Lucinda do Carmo manteve-se a artista distinctissima de sempre.

Carlos Santos, no papel de *D. Miguel de Noronha*, erichado de difficuldades, defendeu-se airoosamente. N'outro papel, de não menores exigencias, o de *Alexandre Botelho*, ha a destacar o trabalho consciencioso de Ignacio Peixoto.

Augusto de Mello, Francisco Costa e Pinheiro, mantiveram os seus creditos artisticos.

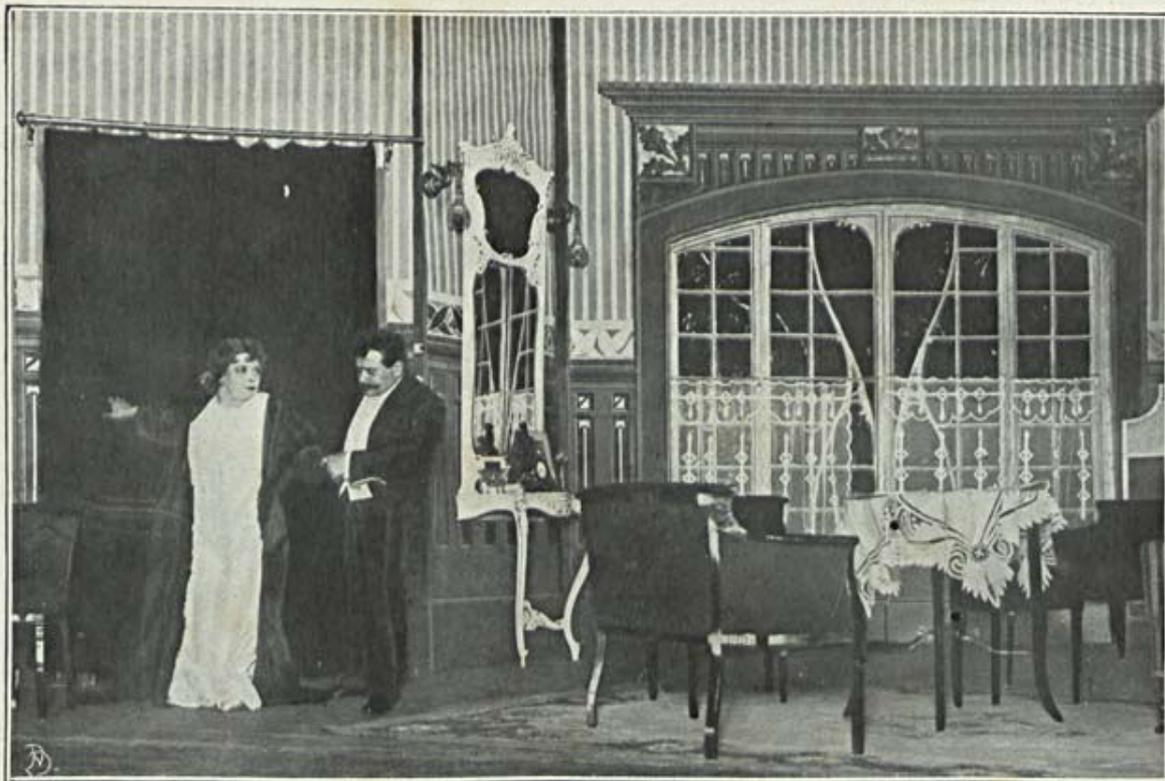
Serão Vicentino

A empresa do Republica, organisando um espectaculo classico, de pura arte, prestou um bom serviço á arte nacional, qual o de revelar a grande parte do publico muitas das sãs bellezas, que encerra a obra do mestre Gil Vicente, o glorioso iniciador do theatro portuguez.

O illustre poeta Dr. Affonso Lopes Vieira abriu o serão por uma notavel conferencia, na qual, em linguagem castiça e elevada, produziu um profundo estudo, rigorosamente historico, acerca da obra de Gil Vicente, narrando-lhe a vida, não só como feitor de *aitos*, mas como primoroso lavrante da celebrada custodia de Belem, terminando por

THEATROS

THEATRO NACIONAL — O Reposteiro Verde



uma paraphrase ao verso de Camões, quando o épico lamentava a falta de concordia e os esforços estereis para erguer esta — *Desditosa patria, nossa amada*.

A conferencia foi intercalada com a recitação de trechos do *Auto da Alma*, por Brazão, Chaby, Jesuina Saraiva e Luz Veloso.

Seguiu-se o prologo de *Frei Paço*, da *Romagem dos Agravados*, por Augusto Rosa, que foi muito applaudido, e a representação do *Auto Pastoral Portuguez*, que foi representado pela primeira vez nos paços de Evora, perante D. João III e toda a corte, e que é um dos melhores dos autos de Gil Vicente, rescendendo a fragancia e ingenuidade campezinhas.

Os seus interpretes de agora: Brazão, Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Emilia d'Oliveira, Luz Veloso, Jesuina Saraiva, Judith de Mello, etc., obtiveram fartos applausos.

O mesmo efusivo acolhimento obteve o já conhecido *Auto da Barca do Inferno*.

No final da sua notavel conferencia o Dr. Affonso Lopes Vieira obteve calorosa e merecida ovação.

Republica. — Nunca assistimos a uma estreia mais gloriosamente auspiciosa do que a do moço poeta Ruy Chianca, como escriptor dramatico. Foi uma revelação, que encheu de intenso jubilo todos aquelles que se interessam pela arte nacional.

Nas raras faculdades de escriptor dramatico, que Ruy Chianca revela na sua *Aljubarrota*, o que mais surprehende é a genial intuição, que, em tão verdes annos, lhe fez preadevinhar segredos scenicos, que outros só conseguem desvendar após longos annos de tirocinio.

Dos factores diversos, que se conjugaram para fazer triumphar a obra do novel dramaturgo, avulta, sem duvida, a felicidade de ter encontrado interpretes da envergadura de Eduardo Brazão, Augusto Rosa e Ferreira da Silva.

Brazão tem no papel de *Affonso Domingues*, — mercê da nobreza do gesto, da sua voz sonóra e communicativa e do cuidado meticoloso com que esteriorizou a figura do infeliz architecto, que a implacavel cegueira não deixou acariciar com o olhar a sua obra prodigiosa, a monumental Batalha, — uma das suas mais perfectas creações. Ao ouvir a ordem de D. João I para retomar a direcção do monumento, com que funda emoção elle declama esses famosos e vibrantes alexandrinos de Ruy Chianca:

..... Sonho da minha vida!
Conto da minha Terra! Proco enternecida,
Que entre incensos floriu e entre sonhos nasceu
A gritar pelo sol e a adivinhar o ceu,
Que eu fiz dentro em meu peito e abri na minha espada
Como um traço subtil de gorgula arrandada!
Quatro mezes, senhor! Depois haveis de crêr!
Como os olhos d'um cego em sonhos sabem ver
Que o coração vê mais que o olhar afinal!
Hei-de cantar-te em pedra, ó grande Portugal!

THEATRO DA REPUBLICA — Aljubarrota



Final do 2.º acto

(Phot. de ***)

O novel poeta, levado pela audaciosa intrepidez da sua mocidade, não vacilou em metter hombros á ardua empreza de fazer revivescer um genero theatral — o drama historico — que com a *Duque de Vizeu*, de Lopes de Mendença, a *Leonor Telles* e o *Regente* de Marcelino de Mesquita, que ha cerca de vinte annos tocára o zenith do esplendor, parecia actualmente entrar no occaso, esfumando-se nas brumas do horisonte.

Pois Ruy Chianca ao lêr a *Abobada*, essa joia litteraria, escripta na linguagem terça e bronzada do egregio Herculano, acariciou a ideia de transmutar essa simples narração, em que tanto palpita a alma nacional, n'um drama historico. E pondo ao serviço de tão gentil pensamento o seu formoso engenho poetico, a crença inabalavel nos destinos de um povo, que tivera tão glorioso passado, n'um rasgo sublime, n'um arrebatamento de fé patriótica, em quentes e vibrantes alexandrinos compoz a *Aljubarrota*, esses quatro actos, em que, á luz da ribalta, prepassam as lendarias e gigantescas figuras de Nuno Alvares Pereira, de D. João I, de Affonso Domingues e de tantos outros portuguezes de esforçado valor patriótico, tendo o cuidado de entretecer a mascula grandeza do drama, com uma intriga amorosa que, de quando em vez, vem lançar um luminoso raio de luar na procella do embate dos sentimentos, que conturbam a alma das outras personagens.

O publico, verdadeiramente suggestionado, sublinhou com vehementes ovações todo o trabalho primoroso de Brazão.

Nun'Alvares — coube a Augusto Rosa, e embora o illustre artista entre só no 3.º acto, impoz-se logo pela detalhada composição da figura, cujo *costume* obedece a seguras investigações historicas. A sua unica *tirada* do repto foi declamada com notavel energia, valendo-lhe uma fremente ovação.

Ferreira da Silva, encontrando-se no *Bufão* dentro da sua quadratura dramatica, muito talentosamente deu todo o relevo, todo o claro-escuro ao seu papel. E' um truão, que afoga as lagrimas pungentes do seu soffrer, com as gargalhadas estridulas do sarcasmo. Foi inimitavel na scena da declaração de amor do 4.º acto.

Os demais artistas manifestaram todo o intelligente esforço que empregam para o exito da *Aljubarrota*, destacando-se entre elles: Henrique Alves no difficil papel de *D. Alvaro Vaz d'Almada*, Carlos de Oliveira, correctissimo no de *D. João I* e Luz Veloso, delicada na personagem *Leonor*, a neta do famoso architecto da Batalha.

Theodoro dos Santos, no *Fernão d'Evora*, merece referencia especial, tal a justa gradação e sentimento, que sabe imprimir ao verso. Não ha duvida, está ali o estofo de um artista de futuro.

Primoroso e de soberbo effeito o scenario dos 1.º, 2.º e 4.º actos,

THEATRO DA AVENIDA — Marido para trez mulheres



Scena final do 2.º acto

devidos ao pincel de Augusto Pina. Bello tambem o do 3.º acto, de Viegas.

Durante todo o espectáculo reinou na sala do Republica communicativo entusiasmo, que se exteriorisou em effusivas e vibrantes ovações, verdadeiramente triumphaes a Ruy Chianca, a Brazão, a Ferreira da Silva, a Augusto Rosa, a Augusto Pina, etc.

Ruy Chianca se com a sua *Aljubarrota*, mercê não só do valor intrinseco da sua obra (sem embargo de leves serões, faceis de corrigir), mas ainda do alto significado, que ella representa no actual momento historico, conquistou de assalto um posto de rutilo destaque na litteratura dramatica, tambem tomou o solemne compromisso de collocar as suas excepcionaes facultades de escriptor dramatico ao serviço da santa cruzada do resurgimento do nosso theatro, produzindo obra de punjante envergadura, de impeccavel lavor, que marque uma data gloriosa nos fastos da arte nacional.

FERREIRA MENDES.

Trova popular

Eu vi teu rosto na arêa,
Sentei-me, puz-me a chorar;
O que não será teu corpo
Se o teu rosto faz penar?

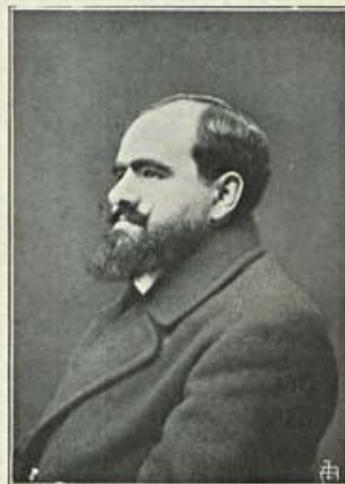
LIVROS

A.º JANELLA

E' o titulo d'um elegante volume no qual o nosso amigo Severim de Azevedo, aquelle espirituosissimo Crispim, que os leitores já conhecem, reuniu uma grande parte dos artigos que, sob a mesma epigraphe, tem publicado na *Nação*.

São algumas paginas de prosa e verso onde a penna do brilhante escriptor e talentoso critico traçou rapidamente as suas impressões sobre os acontecimentos que diariamente se estão dando e a respeito dos homens que n'elles influem, encarando tudo por uma forma tão espirituosa que os attingidos pelo seu bom humor não serão de certo dos que menos tem rido com as *larcias* que o nosso Crispim lhes tem applicado. Que nunca as mãos lhe doam, porque a brincar tambem se corrigem defeitos.

A Severim de Azevedo agradecemos a gentileza da oferta do seu livro.



João Maria Ferreira

Auctor do livro de versos «Oasis» a que nos referimos no numero anterior

OS FALSOS AMIGOS

(Perolas soltas)

Guarde-te Deus de um engano
De um bom rosto contrafeito,
De homens que trazem no peito
Sempre um cavallo troyano.

Palavras todas d'amores
Tenção preversa e damnada,
Peçonha dissimulada,
Como vibora entre flôres.

Co'a falla sempre a sabor,
Te dão pirolas de fel,
Põem-te pelos beijos mel
Para que engulas melhor.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.